

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DAS CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JOSIVÂNIO SILVA DE ARAÚJO

**Deus: um Delírio? A especificidade de santo Tomás de Aquino
frente ao neoteísmo de Richard Dawkins**

Maceió

2021

JOSIVÂNIO SILVA DE ARAÚJO

**Deus: um Delírio? A especificidade de santo Tomás de Aquino
frente ao neoteísmo de Richard Dawkins**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Orientador: Prof. Me. José Urbano de Lima Júnior

Maceió

2021

Folha de Aprovação

JOSIVÂNIO SILVA DE ARAÚJO

(Deus: um Delírio? A especificidade de santo Tomás de Aquino frente ao neoateísmo de Richard Dawkins / Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia, da Universidade Federal de Alagoas na forma normalizada e de uso obrigatório)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em ____ de ____ de 2021

Prof. Me. José Urbano de Lima Júnior, UFAL (Orientador).

Banca Examinadora:

(titulação, nome completo, instituição) (Examinador interno)

(titulação, nome completo, instituição) (Examinador interno)

(titulação, nome completo, instituição) (Examinador interno)

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária: Lívia Silva dos Santos – CRB-4 – 1670

A658d Araújo, Josivânio Silva de.

Deus: um delírio? A especificidade de Santo Tomás de Aquino frente ao neoateísmo de Richard Dawkins / Josivânio Silva de Araújo. – 2021.

37 f.

Orientador: José Urbano de Lima Júnior.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 36-37

1. Deus – Existência - Filosofia. 2. Tomás de Aquino, Santo. 3. Richard Dawkins.
4. Neoateísmo. I. Título.

CDU: 141.3:2

À Santíssima Virgem, Sede da Sabedoria; à Santíssima Trindade, aos meus pais e a todos os que de alguma forma ajudaram-me nesta jornada.

AGRADECIMENTOS

À minha família.

Ao Pe. Me. Cícero Lenisvaldo.

Aos amigos e colegas.

Ao Prof. Me. José Urbano.

Aos professores do curso de Filosofia.

“A humanidade não transpôs a Idade Média: fugiu em debandada. O ideal cristão não foi julgado e considerado deficiente: foi considerado difícil e deixado injulgado”.

(G. K. Chesterton, 2013, p. 50).

RESUMO

Trata-se de encarar um problema recorrente na longa história da filosofia ocidental, qual seja: se Deus existe e se é possível provar sua existência. O objetivo é cotejar os argumentos pela prova da existência de Deus, as famosas *quinque viae* de Tomás de Aquino, com as críticas do biólogo ateuista Richard Dawkins a esses mesmos argumentos. Para tanto, a pesquisa baseou-se na leitura da *Summa theologiae*, do teólogo e filósofo medieval, e da obra “Deus, um delírio”, de R. Dawkins, bem como de comentadores especializados. A conclusão principal é a de que Dawkins, ao se contrapor às provas de Tomás de Aquino, acaba por não demonstrar os seus contra-argumentos, uma vez que seu principal objetivo resume-se a perfilar argumentos contra as religiões monoteístas.

Palavras-chave: Deus – existência – Tomás de Aquino – Richard Dawkins - neoateísmo

RESUMEN

Se trata de afrontar un problema recurrente en la larga historia de la filosofía occidental, a saber: si Dios existe y si es posible probar su existencia. El objetivo es comparar los argumentos a favor de la prueba de la existencia de Dios, el famoso *quinque viae* de Tomás de Aquino, con la crítica del biólogo ateo Richard Dawkins a estos mismos argumentos. Por tanto, la investigación se basó en la lectura de la *Summa theologiae*, del teólogo y filósofo medieval, y de la obra “*Deus, um delirium*”, de R. Dawkins, así como de comentaristas especializados. La principal conclusión es que Dawkins, al oponerse a las pruebas de Tomás de Aquino, acaba por no demostrar sus contraargumentos, ya que su principal objetivo se limita a esbozar argumentos en contra de las religiones monoteístas.

Palabras clave: Dios - existencia - Tomás de Aquino - Richard Dawkins – neoteísmo.

LISTA DE ABREVIATURAS

Aristóteles:

Metaf. - Metafísica

Tomás de Aquino:

S. Th - *Summa Theologiae* (Suma Teológica).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. A vida e o pensamento de santo Tomás de Aquino no contexto da filosofia medieval.	13
2. Deus existe? As provas da existência de Deus segundo santo Tomás de Aquino.....	18
2.1 As provas da existência de Deus em Santo Agostinho e Santo Anselmo.....	18
2.2 Argumentos de santo Tomás de Aquino sobre a “existência” de Deus.....	20
3. Argumentos de Dawkins contra as cinco vias de Tomás de Aquino.....	24
3.1 Argumentos de Dawkins contrários às provas da “existência” de Deus.	25
3.2 Cotejamento dos argumentos de Tomás de Aquino e Dawkins	26
CONCLUSÃO.....	34
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é um tanto controverso e muito discutido por seu objeto principal ser o próprio Deus. Como a temática sugere, a investigação dar-se-á passando pelo pensamento de santo Tomás de Aquino e de Richard Dawkins, que, apesar deste ser biólogo, acaba imiscuindo-se na filosofia e, inclusive, passando diretamente por Tomás de Aquino. Ao investigarmos as propostas do Aquinate e de Dawkins acerca da existência de Deus, observamos que os contra-argumentos do biólogo sobre as provas da existência apresentadas pelo Aquinate não são válidos do ponto de vista filosófico, embora, talvez, sejam sustentáveis apenas na perspectiva científica de um biólogo ateu.

No presente trabalho problematizamos uma questão filosófica que foi e é muito trabalhada ao longo do tempo. Esse tema foi colocado em questão dentro das mais diversas escolas filosóficas e seus mais variados períodos: falamos da existência de Deus. A discussão a respeito da existência de Deus perpassa uma parte considerável da nossa história humana. Tal problematização ocorre desde os filósofos gregos, que já refletiam sobre a possibilidade de uma Primeira Causa, passando pelo helenismo do tempo de Cristo, Idade Média, Modernidade e, até os dias atuais, continua a ocupar espaço no campo filosófico.

Ao longo dos séculos foram muitas as mentes que contribuíram para a discussão filosófica em torno da problemática da existência de Deus, por meio de conceitos e pontos de vista diferentes, falava-se sobre uma força superior a qualquer outra que poderia ser a causa de todas as outras coisas. Dentro desse orbe de contribuições podemos destacar algumas eminentes figuras: na Antiguidade, destacamos Aristóteles, Platão, Sêneca, Cícero e santo Agostinho; na Idade Média, lembramos de santo Anselmo, santo Tomás, Duns Scotus e G. de Ockham; na Modernidade, citamos Descartes e Bacon; na Contemporaneidade, ressaltamos Roger Scruton e a santa Edith Stein.

Dentre os argumentos mais comuns que se fizeram presentes no âmbito da discussão sobre a existência de Deus, podemos apontar dois: o argumento ontológico e o argumento cosmológico. O primeiro tipo de argumento, de origem anselmiana, tentava demonstrar a existência de Deus partindo da essência de Deus, já o segundo argumento, de matriz tomasiana, parte de fatores externos ao próprio Deus.

Esta monografia expõe a tal problemática a partir de dois tempos históricos muito distantes, é verdade, porém, ao mesmo tempo próximos, olhando a partir do ponto de vista de que se interligam pelo ardor da temática em discussão. Temos como ponto de partida em nossa problematização o período medieval, dentro da tradição escolástica, focando na filosofia de Tomás de Aquino e nas cinco vias pelas quais ele defende a existência de Deus. Em contrapartida, recorreremos ao biólogo e etólogo contemporâneo Richard Dawkins, que, no afã de criticar as religiões monoteístas em vista de seu ateísmo, acaba por criticar, sem nunca demonstrar seus argumentos, as provas da existência de Deus firmadas pelo Frei Tomás.

No primeiro capítulo, faremos uma contextualização do momento histórico em que vive e pensa Tomás de Aquino, apontando, principalmente, quais eram os problemas que reclamavam a atenção em sua contemporaneidade, quais as influências teóricas que ele assimila ao *corpus* de sua obra e, finalmente, de que modo ele realiza a síntese entre a filosofia aristotélica e o legado do pensamento teológico e filosófico da cristandade. Destacamos também o modo como o Aquinate transpõe alguns dos princípios da metafísica de Aristóteles de modo a utilizá-los nas provas da existência de Deus. Tal transposição não ocorre sem o traço de originalidade de santo Tomás de Aquino.

O segundo capítulo desenrola-se em dois momentos distintos e integrados. No primeiro momento, apresentamos o modo como Agostinho de Hipona, pensador maior da patrística cristã, e santo Anselmo, considerado o pai da primeira Escolástica, argumentavam em prol da existência divina. No segundo, apresentamos as famosas *quinque viae*, isto é, as cinco vias elaboradas por Tomás de Aquino em sua defesa da existência de Deus. Mais uma vez, não deixaremos de apontar para a originalidade de Tomás ante seus antecessores.

A partir do pressuposto de que Richard Dawkins é um respeitado biólogo contemporâneo; de que ele se diz um ateu e de que sua obra “Deus: um delírio” é um livro de apologética ateu contra as principais religiões monoteístas, nosso terceiro capítulo propõe-se a apresentar as sumárias críticas dele as cinco vias de Tomás de Aquino. De fato, Dawkins se resume a enfeixar as cinco vias de Tomás a três argumentos principais, sustentando que os mesmos incorrem em um erro lógico grave, qual seja: baseiam-se na ideia da regressão ao infinito. Quanto as duas vias restante, ele sequer as tem como argumentos. Este capítulo encerra-se com um cotejamento entre a primeira via de Tomás pela existência de Deus, que costumeiramente chama-se de via pelo movimento, e o contra-argumento de Dawkins. Para tanto, lançaremos mão da obra “A última superstição: uma refutação do

neoteísmo”, do filósofo americano Edward Feser, professor de Filosofia no Pasadena City College, Califórnia.

1. A vida e o pensamento de santo Tomás de Aquino no contexto da filosofia medieval.

Nada pode ser dito sobre Tomás de Aquino se não atentarmos, por um lado, para o tempo em que ele viveu e pensou e, por outro, sobre a tradição teológica e filosófica a partir da qual ele elabora sua obra, garantindo a esta a marca de seu gênio e de sua originalidade.

Tomás de Aquino nasceu provavelmente em 1224/25, no Reino de Nápoles, e morreu em 7 de março de 1274. Pouco se sabe sobre sua infância. Aos 14 ou 15 anos, foi enviado para cursar as artes liberais na Universidade de Nápoles, fundada em 1220, onde ele teve seu primeiro contato com a filosofia de Aristóteles, cuja obra fora traduzida e comentada, primeiramente pelos árabes, e, posteriormente, vertida diretamente do grego para o latim pelos cristãos. Na universidade, conheceu os frades pregadores da Ordem de São Domingos, na qual ele ingressaria em 1245. Para afastá-lo de sua família, que era contrária à vida monástica, Tomás foi enviado para Paris, onde reinava o jovem São Luís, e onde, muito provavelmente, teve como mestre a Alberto Magno, a quem acompanhou para Colônia (Alemanha), ali permanecendo até 1252, ano em que retorna a Paris.

Em 1257 obteve o título de mestre e, desde então, podia ensinar publicamente a Teologia. Em seguida, em 1259, é enviado à Itália, onde lecionou teologia na corte de Urbano IV e Clemente IV. Por esse tempo compôs uma de suas principais obras, a *Summa contra Gentiles* (Suma contra os Gentios).

Em 1265, após breve estadia em Roma, vai a Viterbo. Por este tempo, Tomás inicia a redação da *Summa Theologiae* (Suma Teológica). De 1269 a 1270 está novamente em Paris.

A 7 de março de 1274, no Convento de Fossanova, morre o Frei Tomás de Aquino, com apenas 49 anos. Ele havia sido convocado pelo papa Gregório X para participar do Concílio de Lyon, mas não resistiu à viagem. Ele deixou a *Suma Teológica* inacabada.

Tomás de Aquino foi canonizado (reconhecido santo pela Igreja) em 18 de julho de 1323. Em 1567 recebeu os títulos de honra de Doutor Angélico e Doutor Comum. Também é considerado doutor Oficial da Igreja e foi indicado como guia pelos papas: Leão XIII, São Pio X, Bento XV, Pio XI, e Pio XII – o que mostra o prestígio que a Igreja tem por ele (FABRO, 2020, pp. 11 – 15; 111; 115 - 117).

Antes de adentrarmos no tema proposto, julgamos necessário contextualizar o pensamento de santo Tomás de Aquino a fim de compreendermos alguns dos pressupostos sobre os quais ele fundamenta sua filosofia e sua teologia.

Segundo Alain de Libera (1990, p. 17): “A Idade Média – era intermediária entre a antiguidade e os tempos modernos – é, segundo se diz, o período compreendido entre a queda do Império Romano do Ocidente (476) e a tomada de Constantinopla pelos turcos (1453)”.

Por muitos motivos, o século XIII destaca-se entre todos os demais no que concerne à filosofia medieval. Em vista do nosso propósito, interessa-nos ressaltar, sobretudo, a consolidação das universidades medievais, entendidas como corporações de mestres e estudantes dedicados aos estudos de todas as ciências, entre as quais destacavam-se a de Bolonha, na Itália, a de Colônia, na Alemanha, a de Oxford, na Inglaterra, e a de Paris, na França.

Por essa época, uma das questões prementes nas universidades e que não fugirá ao espírito atento de Tomás de Aquino era como recepcionar as obras de Aristóteles, entre elas a Física e a Metafísica. É sabido que a Igreja relutara bastante em aceitar o ensino da filosofia aristotélica entre os muros das universidades. Se ao longo dos séculos, desde o surgimento da cristandade e dos primeiros filósofos cristãos, as filosofias de Platão e de Plotino, reinterpretadas e sistematizadas por santo Agostinho, mostravam-se mais palatáveis ao corpo teórico do Cristianismo, agora, tratava-se de superar o idealismo platônico para assimilar de Aristóteles tudo que ele ensinara sobre a ciência e a filosofia. Isso significa abandonar o idealismo e abraçar o realismo. Ao lado de seu mestre Alberto Magno, caberá ao Aquinate a elaboração de uma síntese capaz de associar todo o legado teórico dos pensadores cristãos que o antecederam com os princípios lógicos, científicos e filosóficos de Aristóteles. Ora, uma das principais características do pensamento aristotélico é a valorização do discurso elaborado segundo as capacidades da razão natural, isto é, um discurso ou conhecimento cuja origem encontra-se na experiência sensível e move-se gradativamente aos primeiros princípios da metafísica e, para além desta, à Teologia.

Como teólogo e filósofo cristão, Tomás de Aquino defende a mais intensa colaboração entre a fé e a razão, entre a teologia e a filosofia. No atinente à fé, ele busca a fundamentação nas revelações da Sagrada Escritura, na história salvífica do redentor, Jesus Cristo, bem como no elaborado tecido teórico deixado pelos filósofos e teólogos cristãos que

o antecederam. No concernente à razão, não deixará de fundamentar-se em qualquer filosofia que tenha a contribuir para o discernimento da verdade, mas dará relevo, sobretudo, ao pensamento de Aristóteles, a quem ele refere-se em seus textos como “o Filósofo”. São notáveis também as influências recebidas dos filósofos árabes, principalmente Avicena, e judeus, nomeadamente Maimônides. Percebemos, portanto, as muitas influências teóricas do pensamento do frei Tomás. Ele abria-se ao diálogo com a tradição, mas sem fugir aos problemas e às reflexões de sua contemporaneidade.

Dado que Tomás de Aquino aplicará alguns princípios da metafísica aristotélica em suas provas da existência de Deus, apresentaremos, sem pretensão de esgotá-los, aqueles que mais guardam relação com o nosso tema.

Afirma Aristóteles: “É evidente, portanto, que a sapiência é uma ciência acerca de certos princípios e certas causas”. (*Metaf.* Livro I, 982 a)¹. Se é verdade que todo homem tende naturalmente ao saber, então, entre todas as ciências humanas – a ciência é o conhecimento pela causa - a mais elevada é aquela que conhece os princípios e as causas do ser em si. Tal ciência é a metafísica. E quais são esses princípios e causas segundo Aristóteles?

Começemos pela assim denominada teoria das quatro causas. Admitindo que os filósofos anteriores (pré-socráticos e Platão) tenham pensado, ainda que confusamente, sobre os princípios e as causas do ser, diz Aristóteles:

- 1) Alguns, com efeito, falam do princípio como matéria [...].
- 2) [...], outros entreviram a causa motora [...].
- 3) Nenhum deles, entretanto, explicou claramente a essência e a substância.
- 4) Quanto ao fim pelo qual as ações, as mudanças e os movimentos ocorrem, de certo modo eles o afirmam como causa, mas não dizem como e nem explicam a sua natureza. (*Metaf.* Livro I, 988 a – 988 b).

A explicação causal nas ciências ocorre segundo as quatro linhas da causalidade, quais sejam: 1) a causa material: aquilo de que é feita uma coisa. Ex: a matéria dos animais são a carne e os ossos; 2) a causa eficiente ou motora: aquilo de que provêm a mudança e o movimento das coisas. Ex: o pai é a causa eficiente do filho; 3) a causa formal: a forma ou essência das coisas, isto é, o que define cada coisa. Ex: a alma para os viventes; 4) a causa

¹ Para as citações da *Metafísica* de Aristóteles, utilizaremos a seguinte tradução: *Metafísica. Ensaio introdutório*, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. Volume II.

final: o fim ou o propósito das coisas ou das ações; aquilo em vista de que ou em função de que cada coisa é, ou advém, ou se faz.

No momento oportuno, quando da demonstração das provas da existência de Deus, veremos o frei Tomás deslocando o princípio da causalidade do plano da explicação racional, científica e lógica, os quais ele reconhece e assimila, para aplicá-lo no campo da teologia. Para o momento, ressaltamos que, na perspectiva do Aquinate, o ser é encarado em sua dinamicidade. O ser é princípio de atividade, ou seja, o ser é causa de movimento.

Na busca pela causa primeira, isto é, pela causa anterior a qualquer outra causa, visto que não podemos ir de causa em causa até o infinito, Aristóteles apontará para a existência do que ele chama de motor imóvel, algo que move sem ser movido: “E dado que o que é movimento e move é um termo intermediário, deve haver, *consequentemente, algo que mova sem ser movido e que seja substância eterna e ato*”. (*Metaf.*, Livro XII, 1072 a). Tomás de Aquino, informado pela fé cristã, não deixará de nomear esse motor imóvel: Deus, causa primeira do ser e do movimento.

Além das quatro causas, Aristóteles apresenta-nos outras duas noções importantíssimas para explicar o movimento do ser: o ato e a potência. Esses princípios também serão largamente usados por Tomás de Aquino. Sobre eles afirma Aristóteles:

O ser ou é só em ato, ou é em potência, ou é, ao mesmo tempo, em ato e potência: e isso se verifica seja na substância, seja na quantidade, seja nas categorias restantes. (*Metaf.* Livro IX, 1047 a).

Salta aos olhos, em primeiro lugar, que o ser potencial e o ser atual não têm um único significado, mas tais significados mudam de acordo com cada figura das categorias. Em segundo lugar, notamos que Aristóteles não define claramente o que entende por potência e ato, visto que princípios são indemonstráveis. O que temos são exemplos formulados, aqui e ali, ao longo de sua *Metafísica*, como esta passagem do livro V:

De fato, dizemos que vê tanto quem pode ver como quem vê em ato; e de maneira semelhante dizemos que sabe tanto quem pode fazer uso do saber, como quem faz uso dele em ato, e dizemos que está em repouso tanto quem já está em repouso como quem pode estar em repouso. Isso vale também para as substâncias: de fato, dizemos que um Hermes está na pedra e que a semirreta está na reta, e dizemos que é trigo também o que ainda não está maduro. (*Metaf.* Livro V, 1017 a).

Podemos relacionar o ato e a potência com as quatro causas do ser e do movimento da seguinte forma: a) A matéria é “potência”, isto é, potencialidade, no sentido de que é capacidade de assumir ou receber a forma. Exemplo: o bronze é potência da estátua

porque é efetiva capacidade de receber e assumir a forma da estátua; b) A forma se configura como “ato” ou concretização daquela capacidade; c) O composto de matéria e forma, se considerado como tal será predominantemente ato; considerado em sua forma será ato; já se considerado em sua materialidade será um misto de potência e ato; d) Há, contudo, uma forma pura, ou ato puro, sem mistura com a matéria e sem potencialidades: o ser suprassensível, ao mesmo tempo causa final e eficiente de todos os seres, motor imóvel impulsor de todos os demais movimentos.

A essa forma pura ou ato puro que também pode ser definido como causa final e eficiente de todos os seres, a esse motor imóvel e suprassensível, Tomás de Aquino chamará de Deus. Não custa lembrar que não se trata de mera cópia ou adequação do legado aristotélico. De fato, essa “transposição” teórica realiza-se a partir de uma tradição religiosa e teológica da qual Aristóteles não teve conhecimento. Cite-se, por exemplo, a noção absolutamente estranha aos gregos da criação do universo por Deus. Diante de um tema como este, Tomás de Aquino não menosprezará o legado metafísico do Estagirita, mas tampouco deixará de imprimir-lhe um sentido novo. É o que notamos nas seguintes palavras de Gardeil (2013, p. 411):

Elaborados primitivamente para explicar a realidade do movimento, as noções de ato e de potência viram-se sistematicamente utilizadas para dar conta da estrutura e correlativamente da limitação ou da multiplicidade do ser criado – e inversamente da simplicidade, da infinidade e da unicidade de Deus.

Um dos princípios da filosofia tomista consiste em afirmar que a potência e o ato dividem todo o ser, de modo que o que é, ou é ato puro (Deus) ou é composto de potência e ato (todas as criaturas). A partir desse princípio, Tomás de Aquino conceberá outro tão importante quanto, qual seja: a relação da essência e da existência.

Tomás de Aquino usa essa relação com vistas a diferenciar o ser de Deus e o ser das criaturas. Deus é concebido como o único ser cuja essência é idêntica a sua existência. Em todos os demais seres há uma distinção real entre a essência e a existência. De fato, a existência das criaturas é contingente, isto é, elas podem ser ou não ser, sua existência ocorre por uma causa externa, qual seja: Deus. Este, ao contrário, é um ser necessário por si mesmo. Deus não encontra a causa de si fora dele mesmo, pois, como já vimos, Ele é a causa primeira, o motor que move sem ser movido.

Em posse desses dados teóricos podemos avançar para o segundo capítulo, onde apresentaremos as cinco vias da prova da existência de Deus segundo são Tomás de Aquino.

2. Deus existe? As provas da existência de Deus segundo santo Tomás de Aquino

2.1 As provas da existência de Deus em Santo Agostinho e Santo Anselmo

Santo Tomás de Aquino ocupa um espaço significativo na temática acerca da existência de Deus. Sua obra é considerada uma das mais influentes e traz fortes argumentos que levam ao entendimento de que “Deus existe”, e que isso pode ser provado filosoficamente.

Como já falamos, muitas mentes brilhantes fizeram filosofia antes de santo Tomás e o fizeram em algumas circunstâncias também a partir do próprio Aristóteles. O fato de o Aquinate ter trilhado um caminho mais aristotélico do que platônico e as consequências que isso causou na mentalidade da época, não faz com que alguns de seus antecessores ou contemporâneos a ele sejam menos filósofos, como nos recorda Chesterton (2020, p.75):

Quando exaltamos o valor prático da revolução aristotélica e a originalidade de Tomás de Aquino em chefia-la, não queremos dizer que os filósofos escolásticos anteriores a ele não fossem filósofos, ou não fossem altamente filosóficos, ou não houvessem tido contacto com a filosofia da Antiguidade. Se alguma vez houve profunda ruptura na história filosófica, não foi antes de Santo Tomás, ou no início da história medieval, mas sim depois de Santo Tomás e no início da história moderna.

No que concerne ao nosso tema, a originalidade de Tomás de Aquino encontra-se exatamente no modo como ele usa os princípios da metafísica aristotélica, elaborando provas da existência de Deus a partir de um prisma completamente novidadeiro em relação a Santo Agostinho e Santo Anselmo.

Santo Agostinho (354 – 430), bispo de Hipona, exortava os homens a buscarem a vida interior, onde a alma reconheceria sua própria natureza espiritual e sua semelhança com Deus. Trata-se, portanto, de uma busca pelos dados imediatos da vida interior:

Agostinho desenvolve a sua prova da existência de Deus a partir de uma análise dos dados imediatos da experiência interna; além disso, adota as duas regras seguintes: 1º aquilo que inclui certas outras perfeições, sem estar incluídos nelas, é mais perfeito que estas; 2º aquilo que julga de outras coisas é mais perfeito que as coisas sujeitas ao seu julgamento. (BOEHNER; GILSON, 1991, p. 154).

Essa busca interior terá seu termo no instante em que a alma, pelo uso da razão, deparar-se com a consciência de algo que lhe é superior, absoluto, eterno e imutável. Este algo mais elevado é Deus. O pensamento de Agostinho sofre influências que vão dos estoicos – o *logos* é o Verbo de Deus – e passa pelo neoplatonismo de Plotino – Deus é o *Uno* do qual

todas as criaturas participam do ser. Sua prova da existência de Deus é, nesse sentido, idealista.

Santo Anselmo (aprox. 1033 – 1099), bispo de Cantuária, é considerado o pai da Escolástica. Ele formulou o famoso argumento ontológico como prova da existência de Deus. Diz Anselmo no *Proslógio* (1988, p. 94):

Mas o ser do qual não é possível pensar nada maior" não pode existir somente na inteligência. Se, pois, existisse apenas na inteligência, poder-se-ia pensar que há outro ser existente também na realidade; e que seria maior. Se, portanto, "o ser do qual não é possível pensar nada maior" existisse somente na inteligência, este mesmo ser, do qual não se pode pensar nada maior, tornar-se-ia o ser do qual é possível, ao contrário, pensar algo maior: o que, certamente, é absurdo. Logo, "o ser do qual não se pode pensar nada maior" existe, sem dúvida, na inteligência e na realidade.

Para Anselmo, Deus é o ser perfeitíssimo, isto é, Ele é maior do que todos os seres porque é maior que eles na ordem do ser. Ora, um ser tão perfeito não poderia existir somente na inteligência. Sua perfeição implica sua existência também na realidade. Temos aqui, como em Agostinho, um apriorismo como fundamento da prova da existência de Deus.

Séculos antes de Descartes (1596 – 1650) e de Kant (1724 – 1804), Tomás de Aquino recusara a validade do argumento ontológico anselmiano. Assevera o frei Tomás:

Deve-se afirmar que talvez aquele que ouve o nome de Deus não entenda que ele designa algo que não se possa cogitar maior; pois alguns acreditaram que Deus é um corpo. Mas admitido que todos dêem ao nome de Deus a significação que se pretende: maior que Ele não se pode cogitar, não se segue daí que cada um entenda que aquilo que é significado pelo nome exista na realidade, mas apenas na apreensão do intelecto. Nem se pode deduzir que exista na realidade, a não ser que se pressuponha que na realidade exista algo que não se possa cogitar maior, o que recusam os que negam a existência de Deus. (*S. Th.* I, q. 2, a. 1, ad 2).

Dissemos acima que Tomás de Aquino demonstra originalidade ao usar os princípios da física e da metafísica aristotélica agregando-os aos elementos da revelação cristã. Assim como o Estagirita, Tomás entende que o conhecimento do ser humano principia-se pela experiência sensória e daí eleva-se ao suprassensível, até Deus. Dessa forma, se queremos provar a existência de Deus, de modo algum devemos desconfiar dos recursos da razão natural. Não precisamos partir de idealismos ou de apriorismos. Vão neste sentido as seguintes palavras de Boehner; Gilson (1991, p. 453):

A própria estrutura do ser humano está a exigir que o seu conhecimento principie pelos sentidos, para, a partir deles, elevar-se até ao supra-sensível, e até à própria Divindade. [...]. *São Tomás terá de repudiar toda argumentação apriorística, como também a que se baseia em dados*

anímicos, para reter apenas a que parte da realidade externa. Neste assunto, é-lhe vedado seguir a Santo Agostinho ou a Santo Anselmo; sua orientação é essencialmente aristotélica. Desta forma, são Tomás pretende fazer justiça ao caráter específico do homem; como ser sensitivo-corporal, este depende da experiência sensível para a aquisição de todo e qualquer saber. Inclusive o caminho que leva ao conhecimento de Deus deve passar pelas coisas sensíveis.

2.2 Argumentos de santo Tomás de Aquino sobre a “existência” de Deus.

Foram muitos os textos escritos pelo Angélico, porém as obras em que ele trata a respeito da existência de Deus são: a *Suma contra os Gentios*, o *Compêndio de Teologia* e a *Suma Teológica*. É nesta obra do Aquinate que vamos nos deter e o faremos por uma escolha metodológica: a *Suma Teológica* é a obra da maturidade de santo Tomás. Além disso, ao contraditar as cinco provas da existência de Deus, Richard Dawkins remonta ao texto da *Suma Teológica*, sem nenhuma referência às demais obras.

Sobre este problema, que trabalharemos em santo Tomás, antes de entrar no problema especificamente a respeito de se demonstrar que “Deus existe”, ele coloca alguns pontos que atuam como que base de entrada no problema, podemos chamar de pontos preambulares. Indaga o Angélico na *Suma Teológica*: “A existência de Deus é evidente por si mesma?”. E, “É Possível demonstrar a existência de Deus?”. (*S. Th. I. q. 2. a. 1-2*).

Para responder o primeiro ponto: “A existência de Deus é evidente por si mesma?” (*S. Th. I. q. 2, a. 1*), santo Tomás explica que existem duas maneiras que algo pode ser evidente, são elas: “em si mesmo e não para nós; em si mesmo e para nós”. (*S. Th. I. q. 2, a. 1*). São as duas maneiras segundo ele. Em resposta a esta questão, Santo Tomás mostra que nós não podemos conhecer a essência de Deus nesta vida e que Deus não é evidente para nós, caso contrário não teríamos ateus no mundo, ou seja, como há ateus no mundo, Deus não é evidente para nós e não alcançamos o conhecimento de sua essência nessa realidade de vida.

No entanto, o Angélico aponta que Deus é evidente em si mesmo. Quando acontece de alguns não conhecerem a natureza do sujeito e do predicado, a proposição, mesmo evidente nela mesma, não será evidente para outros. Ela será evidente apenas para os que conhecem o que significam o sujeito e o predicado. Podemos exemplificar isso numa frase: “O que é incorpóreo não ocupa lugar no espaço, é evidente em si mesma e é evidente somente para aqueles que sabem o que é incorpóreo”.

No caso da proposição “Deus existe”, é evidente em si mesma, pois nela o predicado identifica-se com o sujeito, já que Deus é o próprio ser, como mais a frente ficará mais claro. Mas nós nessa vida não conhecemos a essência de Deus, então a sua existência precisa ser demonstrada, ou seja, mesmo a proposição “Deus Existe” sendo evidente em si mesma, ela não o é para nós.

No segundo ponto, que é: “É Possível demonstrar a existência de Deus?”. (*S. Th. I. q. 2. a. 2*), santo Tomás faz entender que é plenamente possível demonstrar a “existência de Deus”. Contudo, ele lembra que há dois possíveis caminhos, dois meios de demonstração de algo, que são, a demonstração *propter quid* (devido a que), e a demonstração *quia* (porque).

No caso de Deus, santo Tomás, explica que podemos demonstrar por meio da demonstração *quia*, pelo porque, ou seja, pela causa, e não pela essência, pois não podemos conhecer a essência de Deus nessa vida. Segundo santo Tomás, é possível demonstrar Deus pelos efeitos que ele causa, pelas causas visíveis, partindo do imanentismo, ou seja, não precisando partir do que é meramente transcendente, mas sim, daquilo que é palpável e visível.

Santo Tomás também lembra que a “existência de Deus”, não é um artigo de fé, mas antes, o que ele chama de preâmbulo de fé, então pode ser demonstrado por via filosófica, ou seja, aqui se trata de teologia filosófica e não apologética cristã. Citemos um exemplo, artigos de fé: Santíssima Trindade e Virgindade de Maria; preâmbulos de fé: Deus é o Sumo bem e “Deus existe”. O Angélico mostra-nos que a demonstração *quia* (pelo porque, ou seja, pela causa, e não pela essência), não nos mostra a essência de Deus, mas nos mostra que “Ele existe”. Fala o Aquinate:

Portanto, deve-se dizer que a existência de Deus e as outras verdades referentes a Deus, acessíveis à razão natural, como diz o Apóstolo, não são artigos de fé, mas preâmbulos dos artigos. A fé pressupõe o conhecimento natural, como a graça pressupõe a natureza, e a perfeição o que é perfectível. No entanto, nada impede que aquilo que, por si, é demonstrável e compreensível, seja recebido como objeto de fé por aquele que não consegue apreender a demonstração. (*S. Th. I, q. 2, a. 2*).

Esclarecidas essas questões, santo Tomás, parte para as cinco vias (como ele mesmo as denomina) que nos levam ao entendimento da “existência de Deus”. Então, diz o Aquinate: “Pode-se provar a existência de Deus por cinco vias”. (*S. Th. I. q. 2. a. 3*). Resumidamente, as vias são: 1ª Via, Prova do movimento; 2ª Via, Prova da causalidade

eficiente; 3ª Via, Prova da contingência; 4ª Via, Dos graus de perfeição dos entes e 5ª Via, Prova da existência de Deus pelo governo do mundo.

Na primeira via, santo Tomás argumenta da seguinte maneira, é possível que algo que se move, seja movido sempre por outro, no caso dos homens, por exemplo, a alma que move o meu corpo, e este por sua vez, pode mover o copo de suco. Nas coisas em geral, existe um primeiro motor e este primeiro motor é imóvel e está acima do tempo, numa realidade transcendente. Santo Tomás diz:

É preciso que tudo o que se move seja movido por outro. Assim, se o que move é também movido, o é necessariamente por outro, e este por outro ainda. Ora, não se pode continuar até o infinito, pois neste caso não haveria um primeiro motor, por conseguinte, tampouco outros motores, pois os motores segundos só se movem pela moção do primeiro motor, como o bastão, que só se move movido pela mão. É então necessário chegar a um primeiro motor não movido por nenhum outro, e este, todos entendem: é Deus. (*S. Th.* I, q. 2. a. 3).

Na segunda via, em sua Suma Teológica, o teólogo e filósofo fala-nos que existe uma causa eficiente primeira e que ela é não causada, pois se ela não existisse, não existiriam a última nem a intermediária, por exemplo, o pai de um indivíduo é a causa eficiente dele. Santo Tomás diz:

Portanto, se não existisse a primeira entre as causas eficientes, não haveria a última nem a intermediária. Mas se tivéssemos de continuar até o infinito na série das causas eficientes, não haveria causa primeira; assim sendo, não haveria efeito último, nem causa eficiente intermediária, o que evidentemente é falso. Logo, é necessário afirmar uma causa eficiente primeira, a que todos chamam Deus. . (*S. Th.* I, q. 2. a. 3).

Na terceira via, santo Tomás de Aquino afirma que as coisas podem ser ou não ser necessárias, e que algo precisa ser antes de tudo para que outras coisas possam existir, pois do nada, não sai nada. Não é possível que houvesse um tempo em que nada havia. Algumas coisas são necessárias, mas encontram em outro a causa de sua necessidade. Ora, apenas Deus é a causa necessária em absoluto, pois Ele não é causado por outro. Santo Tomás fala:

Assim, nem todos os entes são possíveis, mas é preciso que algo seja necessário entre as coisas. Ora, tudo o que é necessário tem, ou não, a causa de sua necessidade de um outro. Aqui também não é possível continuar até o infinito na série das coisas necessárias que têm uma causa da própria necessidade, assim como entre as causas eficientes, como se provou. Portanto, é necessário afirmar a existência de algo necessário por si mesmo, que não encontra alhures a causa de sua necessidade, mas que é causa da necessidade para os outros: o que todos chamam Deus. ((*S. Th.* I, q. 2. a. 3).

Na quarta via, o Angélico fala-nos sobre os graus de perfeição do ente e da existência de certa gradação entre as coisas, segundo o modo como estas se aproximam ou se afastam do ser perfeito em sumo grau, isto é, Deus. Diz o Aquinate na Suma Teológica:

Existe em grau supremo algo verdadeiro, bom, nobre e, conseqüentemente o ente em grau supremo, pois, como se mostra no livro 11 da Metafísica, o que é em sumo grau verdadeiro, é ente em sumo grau. Por outro lado, o que se encontra no mais alto grau em determinado gênero é causa de tudo que é desse gênero: assim o fogo, que é quente, no mais alto grau, é causa do calor de todo e qualquer corpo aquecido, como é explicado no mesmo livro. Existe então algo que é, para todos os outros entes, causa de ser, de bondade e de toda a perfeição nós o chamamos Deus. (*S. Th.* I, q. 2. a. 3).

Na quinta via, santo Tomás mostra por meio do governo das coisas que “Deus existe”. Ele aponta que algumas coisas naturais, mesmo sem racionalidade, operam por um fim e isso acontece porque alguém com intelecto ordena-os. Diz santo Tomás:

Fica claro que não é por acaso, mas em virtude de uma intenção, que alcançam o fim. Ora, aquilo que não tem conhecimento não tende a um fim, a não ser dirigido por algo que conhece e que é inteligente, como a flecha pelo arqueiro. Logo, existe algo inteligente pelo qual todas as coisas naturais são ordenadas ao fim, e a isso nós chamamos Deus. . (*S. Th.* I, q. 2. a. 3).

É preciso deixar claro que o Aquinate entende que é perfeitamente possível demonstrar filosoficamente a existência de Deus, como fica claro em suas obras, a Suma Contra os Gentios e a Suma Teológica, ou seja, sem que seja necessário fazê-lo por meio da fé ou outra coisa, ainda que ele não despreze o papel da fé, no âmbito teológico. Santo Tomás de Aquino diz: “Por conseguinte, se a existência de Deus não é evidente para nós, pode ser demonstrada pelos efeitos por nós conhecidos”. (*S. Th.* I. q. 2, a. 2).

3. Argumentos de Dawkins contra as cinco vias de Tomás de Aquino

Clinton Richard Dawkins é natural de Nairóbi, capital do Quênia, onde nasceu no ano de 1941. Ele cresceu no Reino Unido. Concluiu seu curso pela Universidade de Oxford e atuou como professor da matéria de zoologia na Universidade da Califórnia, na cidade de Berkeley.

Etólogo e biólogo evolutivo, Dawkins tem uma grande influência na discussão recente sobre a existência de Deus, sendo um pensador muito reconhecido no movimento conhecido como “neoateísmo”. O biólogo, que entra na discussão com Tomás no campo filosófico, entende a existência de Deus como um delírio, cujos argumentos propostos pelo Aquinate seriam facilmente refutados. Afirma Dawkins (2009, p. 111): “as cinco ‘provas’ declaradas por Tomás de Aquino no século XIII não provam nada, e é fácil (...) mostrar como são vazias”.

Entendemos como neoateísmo, do qual participa Richard Dawkins, o movimento que teve ponto de partida e destaque a partir do ano de 2004, depois da mudança de pensamento do filósofo inglês Anthony Flew (1923-2010) a respeito da existência de Deus. Flew, mesmo não aderindo a nenhuma religião, passou a admitir a possibilidade da existência de um Deus e que tal existência poderia ser provada filosoficamente, como fala Edward Feser (2017, p. 100):

Como se em resposta ao abandono do ateísmo por Flew, dois filósofos secularistas publicaram recentemente, com grande fanfarra, obras que pretendiam demonstrar as deficiências morais e racionais da crença religiosa tradicional.

Depois da mudança de pensamento de Flew, que antes negava a existência de Deus e passou a admiti-la, algumas personalidades que antes o consideravam como alguém de grande inteligência, passaram a desprezá-lo e a lançarem obras que tinham como objetivo a tentativa de provar, entre outras coisas, a suposta farsa da existência de Deus. O próprio Flew chegou a falar sobre algumas respostas de seus ex-colegas, dizendo: “meus companheiros de descrença me acusaram de estupidez, traição, senilidade e tudo o que se pode imaginar”. E segue: “e nenhum deles leu sequer uma palavra daquilo que escrevi” (FLEW *apud* FESER, 2017, p. 18).

É em meio a tal cenário que o neoateísmo do qual falamos ganhou impulso. Então, no intuito de responderem a Flew surgiram alguns livros, como: *A morte da fé: religião, terror e o futuro da razão*, do Sam Harris; depois, *Quebrando o encanto: a religião como fenômeno*

natural, de Daniel Dennett; e por fim, *Deus, um Delírio*, de Dawkins. É esta última a qual investigaremos colocando seus argumentos frente aos de santo Tomás de Aquino.

Santo Tomás de Aquino e Richard Dawkins são dois pensadores que partem de tradições e períodos extremamente distantes entre si. Como já lembrado, um é medieval e participe de uma cosmovisão a respeito de Deus e o outro, contemporâneo. Apesar disso, dialogam entre si tendo como ponto de partida a problematização a respeito da existência de Deus.

3.1 Argumentos de Dawkins contrários às provas da “existência” de Deus.

Um ponto que nos desencadeia o desejo de irmos a Dawkins é a forma como ele, um contemporâneo, adentra de modo direto na Filosofia Medieval, ao desejar refutar as provas da existência de Deus defendidas por Tomás de Aquino.

Em seu livro, *Deus: um Delírio*, Dawkins reserva um capítulo para tratar dos argumentos para a existência de Deus. O primeiro alvo de sua crítica atéia é Tomás de Aquino e suas cinco vias. Para ele, o Aquinate não consegue provar nada daquilo a que se propõe, ou seja, que Deus existe. Ele afirma jocosamente:

As cinco ‘provas’ declaradas por Tomás de Aquino no século XIII não provam nada, e é fácil – embora eu hesite em dizê-lo, dada sua eminência – mostrar como são vazias. As três primeiras são apenas modos diferentes de dizer a mesma coisa. (DAWKINS 2006, p. 111).

Falando mais estritamente sobre as três primeiras vias, Dawkins afirma que os argumentos de santo Tomás são baseados na ideia da regressão ao infinito, e Deus é invocado para encerrar a série, sem que haja justificção para isso. Simplesmente colocam Deus como imune à própria regressão. Dawkins fala que se seguir a linha de pensamento do Aquinate, não há razão para atribuir a Deus, propriedades como onipotência, onisciência e outras. O biólogo ainda destaca que os estudiosos de lógica encontraram uma incompatibilidade entre a onisciência e a onipotência.

O biólogo deixou registrado que retumbantemente não está claro que uma terminação natural para a regressão do Aquinate seja o próprio Deus. Tendo tratado inicialmente das três primeiras vias, que ele considera de mesmo conteúdo, Dawkins parte para comentar as duas finais, as quais ele as chama de: “O argumento de Grau e O argumento Teleológico ou do Design”.

Sobre o quarto argumento de santo Tomás, Dawkins diz que ao tratar de graus a respeito das coisas, isso fica aberto para se fazer uma comparação com qualquer coisa. Por exemplo, ele diz que Tomás fala que Deus é o grau máximo do padrão de perfeição. Então, afirma Dawkins, que isso pode ser substituído por algo que seja o grau máximo de fedor, ou qualquer outra coisa.

Sobre a quinta via, reformulando o argumento de Tomás de Aquino ao seu modo, Dawkins (2006, p.114) afirma: “As coisas do mundo, especialmente as coisas vivas, parecem ter sido projetadas. Nada que conhecemos parece ter sido projetado a menos que tenha sido projetado. Tem de haver, portanto, um projetista, e a ele chamamos Deus”.

Dawkins compara a quinta via de santo Tomás com a teoria proposta por William Paley², que também fala sobre a existência de Deus. Dawkins então diz que a via foi refutada pelo advento dos estudos de Darwin, que comprovaram que: “Já não é verdade dizer que as coisas só podem parecer projetadas se tiverem sido projetadas” (DAWKINS 2006, p. p. 115).

3. 2 Cotejamento dos argumentos de Tomás de Aquino e Dawkins

Suponhamos que surja numa rua uma grande comoção a respeito de alguma coisa, digamos, um poste de iluminação a gás, que muitas pessoas influentes desejam derrubar. Um monge de batina cinzenta, que é o espírito da Idade Média, começa a fazer algumas considerações sobre o assunto, dizendo à maneira árida da Escolástica: 'Consideremos primeiro, meus irmãos, o valor da luz. "Se a luz for em si mesma boa...". Nesta altura, o monge é, compreensivelmente, derrubado. Todos correm para o poste e deitam-no abaixo em dez minutos, cumprimentando-se mutuamente pela praticidade nada medieval. Mas, com o passar do tempo, as coisas não funcionam tão facilmente. Alguns derrubaram o poste porque queriam a luz elétrica; outros, porque queriam o ferro do poste; alguns mais, porque queriam a escuridão, pois os seus objetivos eram maus. Alguns interessavam-se pouco pelo poste, outros, muito; alguns agiram porque queriam destruir os equipamentos municipais. Outros porque queriam destruir alguma coisa. Então, aos poucos e inevitavelmente, hoje, amanhã, ou depois de amanhã, voltam a perceber que o monge, afinal, estava certo, e que tudo depende de qual é a filosofia da luz. Mas o que poderíamos ter discutido sob a lâmpada a gás, agora temos que discutir no escuro (CHESTERTON, 2014, p. 47).

Dawkins tem os seus méritos na área da Biologia e é um grande biólogo de reconhecimento no mundo pelos estudos em sua área originária de atuação, porém, quando entra na área filosófica e tenta interagir com os argumentos de santo Tomás de Aquino, parece tentar derrubar um monge da Idade Média – que é pesado não igual a um poste, mas sim a um

²Teoria do *design inteligente*. Vários tomistas discordam radicalmente dessa comparação com o que propôs William Paley. Mais a frente ficará claro que, de fato, a comparação é equivocada.

boi, ou melhor, a um grande boi mudo³ -, empurrando-o de modo nada filosófico. Nesse meio tempo, ao invés de derrubar o monge, acaba por derrubar as luminárias da sua própria casa e, então, no escuro, não consegue muita coisa. Parece que, privado de luminosidade, não consegue entender os argumentos do monge medieval e, desse modo, mesmo não interagindo com o monge da Idade Média, ainda assim, simplesmente pensa que o refuta e sai cantando vitória, quando, na verdade, com o olhar escurecido da falta de luz e com ouvidos surdos do grande rugido do boi – que surpreendentemente rugiu alto –, sequer consegue ver e entender o pensamento do Aquinate.

Afirma Chesterton (2013, p. 50): “A humanidade não transpôs a Idade Média: fugiu em debandada. O ideal cristão não foi julgado e considerado deficiente: foi considerado difícil e deixado injulgado”. Olhando para a atitude de Dawkins, vemos que ele não transpôs o pensamento de Santo Tomás: fugiu dele em debandada. Não o analisou e o considerou deficiente em seus argumentos. Na verdade, não o entendeu.

Segundo o modo de pensar da modernidade, os pensamentos de Platão, Aristóteles e Santo Tomás não são de caráter científico. Na Antiguidade e no Medievo, contudo, a metafísica era entendida como ciência.

Dawkins e outros neoateus que ainda não identificam a diferença entre hipótese científica e tentativa de demonstração metafísica pensam segundo uma ótica em que apenas o raciocínio de cunho científico e matemático é seguro⁴ para tentarem justificar o descarte dos argumentos metafísicos e, como consequência, descartar também os argumentos tomista⁵. O Aquinate, apesar de partir de aspectos empíricos, tenta fazer entender que, a partir desse aspecto empírico e justamente com algumas premissas conceituais, algumas conclusões metafísicas se dão necessariamente, como destaca Feser (2017, p. 100):

Os argumentos metafísicos como os que Santo Tomás utiliza combinam os elementos de ambas as formas de raciocínio: tomam pontos de partida óbvios, embora empíricos, e tentam mostrar que a partir deles, junto de certas premissas conceituais, certas conclusões metafísicas se seguem necessariamente.

³ Conta-se que, ao estudar com seu mestre, Alberto Magno, os colegas de Tomás de Aquino o apelidaram de boi mudo, devido a sua corpulência e ao fato dele permanecer calado nas aulas. Alberto Magno teria reagido, afirmando que aquele “boi mudo” mugiria tão alto que se faria notar no mundo inteiro. Daí a alcunha de “boi mudo da Sicília”.

⁴Científico no sentido moderno da palavra, diferente de como Aristóteles e santo Tomás entendiam.

⁵ Cf. Feser, 2010, p. 101

Por ter tomado esse caminho, percebemos que Dawkins e outros neoateus têm como ponto de partida o modo de pensar ditado pelo positivismo ou pelo cientificismo, mas o próprio positivismo ou cientificismo é uma posição metafísica, e se eles tentarem justificá-la farão necessariamente o que tanto condenam, que no fundo é a própria metafísica, como afirma Feser (2017, p. 101): “No momento em que tentarem defendê-la, estarão efetivamente a refutá-la, pois o cientificismo ou positivismo é ele mesmo uma posição metafísica que só pode ser justificada com argumentos metafísicos”.

Para cotejarmos as críticas de Dawkins a Tomás de Aquino, escolhemos dar relevância a primeira das cinco vias do Angélico, ou seja, a que parte da experiência do movimento. Nossa escolha se fundamenta no fato de que a prova pelo movimento é a preferida do frei Tomás, pois, conforme ele, esta via é **“a mais clara”**. (*S. Th.* I, q. 2, a. 3). Além disso, a causalidade é umas das características marcantes das provas aduzidas pelo Aquinate. Segundo Boehner; Gilson (1991, p. 456): “a segunda característica (das cinco vias) está em que, no fundo, todas empregam o princípio da causalidade”.

Santo Tomás não desenvolve sua argumentação sobre a existência de Deus, como sugere Dawkins, a partir da simples aplicação do princípio de que “todo efeito tem uma causa anterior” (DAWKINS, 2006, p. 112). Como também não parte do contrário, mas antes, sustenta que Deus é necessário, como causa incausada do universo, em virtude de existirem algumas causas de tipos diferentes e também da natureza de relação de causa e efeito. A questão não se trata de que o mundo não teria começado se o primeiro motor não tivesse sido empurrado e derrubasse o primeiro dominó, não é isso, na verdade, o mundo não existiria agora, pois Deus o sustenta. Deus, segundo santo Tomás, mantém e sustenta o mundo no ser.

Ao analisarmos os argumentos que ao longo do tempo foram propostos para justificarem a “existência” de Deus, observamos que tais argumentos às vezes são frágeis filosoficamente, mas nem sempre podemos generalizar como alguns neoateus, como Dawkins, às vezes tentam fazer. Quando olhamos mais afundo para os argumentos propostos especificamente por santo Tomás de Aquino, vemos que não se trata de algo simplesmente estúpido ou ainda contos infantis. O doutor Universal da Igreja não entende Deus de maneira antropomórfica ou a outro modo semelhante. Os argumentos Tomistas que levam ao entendimento de que “Deus é”, e não que ele possa talvez ser, mas que de fato “é”, têm amparo filosófico.

Isso, porém, não significa que todos chegam ao entendimento de que “Deus existe” por via filosófica, pois como mesmo lembra o Aquinate, Deus não é evidente para nós, ainda que alcancemos por meio filosófico a compreensão de que Ele “existe”, ou seja, que “Ele é”. Sendo assim, as pessoas que não chegam por via filosófica à tal compreensão ao pensarem Deus, têm as mais distintas noções de que Ele de fato seja, e não podemos cobrar dessas pessoas que tenham a mesma compressão a respeito de Deus de uma pessoa que estuda filosofia. O fato de uma criança e de uma senhora devota não responderem filosoficamente a respeito da “existência de Deus”, não significa que Santo Agostinho, Santo Anselmo, santo Tomás e outros, não o tenham respondido.

O entendimento que o Aquinate elabora de Deus está de acordo com a doutrina da analogia, que entende que a linguagem que fazemos uso, quando estamos nos referindo a Deus, não pode ter o mesmo uso no sentido unívoco, que é referido a realidades de mundo, por outro lado não pode ser usada em estado totalmente oposta em sentido equívoco, mas sim, em sentido análogo.

Dawkins afirma que os teístas acham que Deus pode, entre outras coisas, ter atributos humanos. Diz ele: “sem falar de atributos humanos, como atender a preces perdoar pecados e ler os pensamentos mais íntimos” (DAWKINS 2006, p. 112). Parece que para o biólogo neoateu o fato da argumentação análoga que Tomás usa para se referir a Deus não está muito clara, como lembra o comentador Feser (2017, pp. 106 – 107):

Deus não é pessoal nem bom nem poderoso nem inteligente no *mesmo* sentido em que um ser humano é, mas Ele pode ser descrito corretamente nestes termos se forem entendidos analogamente; ao passo que não há nada em Deus que seja sequer análogo ao mal, à fraqueza ou a estupidez, de modo que estes termos não podem ser aplicados a Ele de maneira nenhuma.

Para compreendermos melhor o que santo Tomás entende sobre Deus e quais argumentos ele usa a respeito do tema, com o fim de provar “existência de Deus”, é preciso lembrar que o Aquinate constitui, ele mesmo, uma nova abordagem diferente das entendidas até então, como: Realismo, Nominalismo e Conceptualismo. No Angélico está o que chamamos de Realismo Tomista, que nada mais é do que a junção entre o Realismo Aristotélico e a ideia de Santo Agostinho de Hipona, que defende a existência dos universais na mente de Deus.

A primeira das cinco vias, que é a do Motor Imóvel, ou Via do Argumento do Movimento - como é tradicionalmente tratada no âmbito filosófico -, é para o próprio

Aquinate, o mais evidente dos argumentos. Ele argumenta que a própria existência da mudança⁶ pede que exista um modificador primeiro e que é imodificável de tudo o que muda, e que, quando investigado, percebe-se idêntico a Deus. Vale lembrar que esse agente foi exposto por Aristóteles que o apresentou ao seu modo.

Relembremos o que é mudança e movimento no sentido em que usamos. Santo Tomás usa esses termos no mesmo sentido em que Aristóteles usa-os: a mudança ou o movimento compreende uma passagem da potência para o ato.

A potência é apenas potência, não é ato transformado, potência alguma se faz atualidade sozinha, antes, atualiza-se por meio de algo externo a ela mesma. Vejamos alguns exemplos desse processo: o potencial de um jardim, ainda não podado, deve ser atualizado pela ação do jardineiro; outro, o potencial de levantar as mãos de um indivíduo, deve ser atualizado pela ativação de neurônios motores, e assim por diante.

Outra questão de grande importância na construção da argumentação Tomista – a qual Dawkins ignora –, é o fato de que tanto santo Tomás como outros medievais entendem que há uma distinção entre dois gêneros de séries de causa e efeito, ei-los: séries acidentalmente ordenadas e séries essencialmente ordenadas. Outro fato ignorado por Dawkins é que santo Tomás não acredita que numa série desse tipo remonte eternamente ao passado, como igualmente não entende possa ser provado filosoficamente que não remontam, ou seja, segundo o Angélico não pode ser provado que o universo teve início e ademais, ele não tenta provar.

De fato, existem sim argumentos favoráveis aos da “existência de Deus”, que tentam provar ou partem da suposição de que o universo teve início, como por exemplo o argumento que foi defendido por William Lane Craig, e que é conhecido como argumento Cosmológico de Kalan – mas mesmo sendo já sabido por muitos que santo Tomás rejeita esse modo de argumentar - Dawkins parece não lembrar ou talvez não saiba desse fato.

Feita a distinção entre as séries acidentalmente ordenadas e essencialmente ordenadas, vejamos que, uma série essencialmente ordenada, por natureza, tem um primeiro membro e assim todos os outros membros posteriores desse tipo de série existem unicamente na medida em que ainda existem outros anteriores. Se nenhum primeiro membro da série houvesse,

⁶Quando falamos de movimento, estamos usando o termo segundo a noção Aristotélica de movimento, ou seja, nos referimos a mudança.

assim nenhuma série existiria, pois é só o primeiro membro que está sendo impulsionador da atualização dos demais. Os membros posteriores são apenas meios e não gozam do poder independente de atualização autônoma de si mesmos. O comentador Feser dá um exemplo para ilustrar o que falamos:

imaginemos um vagão de trem circulando e então tentamos saber o que está puxando-o, e assim poderemos pensar que os vagões estão puxando uns aos outros, porém, não explicaríamos o que de fato puxa os vagões, é preciso que cheguemos a um carro motor para explicarmos o porquê de os vagões andarem. (FESER, 2017, p. 122).

Tal primeiro motor, que faz com que os vagões andem, deve ser imóvel e imutável, não movido por outros (que sozinhos não movem nem a eles mesmos), pois se fosse mudado ou atualizado, caminharia de potência para ato, e assim, já não seria o primeiro motor, e o primeiro motor não pode estar em potência para nada.

Para parar o regresso e chegar a um primeiro ente da série, tal ente, deve ter sua existência de modo que não precise ser atualizado por nada. Em outras palavras, a série para apenas quando chega em um ente que é Ato Puro. Se tal ente é Ato Puro, não tem potencialidade alguma, logo, é impossível que tal ente mude ou movimente-se.

Quando Santo Tomás usa a expressão “a que todos chamam Deus” (*S. Th.* I, q. 2. a. 3), e escandaliza alguns neoateus como Dawkins, o Aquinate quer dizer que qualquer coisa que senhoras devotas ou qualquer pessoa possam pensar ao se referirem à palavra Deus, elas se referem a qualquer ente que é a explicação derradeira dos processos de mudança que são perceptíveis ao nosso meio. Esse ente que as pessoas não o classificam filosoficamente como Atualidade Pura, antes, apenas é chamado de Deus.

Quando observamos o modo de ser do único ente que é Atualidade Pura, vemos então que podemos deduzir as coisas que falamos a respeito de tal ente encaixarem-se com a concepção de Deus, que está na mentalidade e crença religiosa tradicional da Civilização Ocidental.

Observando o que santo Tomás expõe e levando em conta a argumentação que ele fez a partir de alguns conceitos aristotélicos, percebemos que é impossível haver entes que sejam Atualidades Puras, na verdade, apenas um pode haver. Sendo assim, é impossível não chegar ao Deus que os monoteístas entendem apenas na crença.

Mas, por que não pode haver mais de um ente que seja Atualidade Pura? Na verdade, há porquês, mas por hora, lembremos um: para haver entes de Atualidades Puras, de

alguma forma teríamos de distingui-los, haveria de ter algo que um deles tivesse e outro não, e se isso acontecesse, um já teria potencialidade irrealizada – estaria em potência para algo -, e assim sendo, já não seria um ente puramente atual, ou seja, ente de Atualidade Pura.

O ente de Atualidade Pura, que santo Tomás também chama de Motor Imóvel, tem de ser necessariamente totalmente atualizado, e por consequência imutável. Tal ente, não pode assim ser material, pois se o fosse, já não seria Ato Puro, pois sendo material, seria mutável, mas como é Atualidade Pura é imaterial e Imutável. Estar dentro do espaço e do tempo, leva à mutabilidade. Como o ente de Ato Puro é imutável, o Motor Imóvel, remonta, absolutamente toda mudança ou movimento, no universo material.

Ao falar do Motor Imóvel, o Angélico leva em consideração a concepção Aristotélica que entende que uma causa não pode dar o que não tem. O ente de Atualidade Pura é a fonte de todas as mudanças e das coisas e de todos os atributos que ele por primeiro possui como: poder, inteligência, vontade, que são coisas analogamente também possíveis pelos seres humanos. O Motor Imóvel, como ente puro, tem esses atributos em sua máxima perfeição, como conhecimento ilimitado, e assim é também onisciente.

Analisemos se o motor imóvel é partícipe dos aspectos defeituosos ou negativos. O Motor Imóvel não tem tais aspectos, que na Escolástica é denominado como privação, ou seja, falta de aspecto positivo. O Motor Imóvel é Ato Puro, não pode atualizar-se, ele carrega consigo toda perfeição, toda bondade, analogamente ao que temos de perfeito e bom no ser humano. Quando Tomás entende que o Motor Imóvel é bom ou perfeito, não é a mesma coisa que é bom ou perfeito no âmbito humano, que por sua vez pode atualizar, - Motor Imóvel é sumamente bom e não atualiza, antes, é Ato Puro, ou seja, bondade perfeita e fonte de toda bondade. O mesmo se dá para a perfeição, recorda o comentador Feser (2017, p.117):

Mostrar que o Motor Imóvel existe, é portanto mostrar que há um único ente que é a causa de toda mudança, Ele mesmo imutável, imaterial, eterno, pessoal (tendo inteligência e vontade), onipotente, onisciente e infinitamente bom. É, em suma, mostrar que há um Deus.

Parece que não é verdade o apontamento feito por Dawkins (2006, p.112) de que: “não há absolutamente nenhum motivo para dar a essa terminação as propriedades normalmente atribuídas a Deus”. Como também parece não estar de acordo com a realidade, as palavras que Dawkins “colocou na boca” do Aquinate, dizendo que santo Tomás afirmou: “Nada se move sem um motor anterior” (DAWKINS 2006, p. 112). Pois se assim o fosse, Deus também teria de ter uma causa e ter um motor anterior a ele. O que de fato santo Tomás

fez foi, como lembra Feser (2017, p. 117): “Antes o observava o movimento de *algumas* coisas é causado, o que é tudo de que precisa para que o argumento se desenvolva”.

Dawkins compara os argumentos de santo Tomás aos de Willian Poley, mas parece não saber que o argumento tomista está levando em conta uma série causal essencialmente ordenada. É uma questão de necessidade e não de suposição, probabilidade, hipótese, etc. tem de haver necessariamente um primeiro agente.

É bem verdade que a astronomia e física de santo Tomás caducaram em virtude de sua ligação com as ideias propostas por Aristóteles, mas isso não invalida em absolutamente nada os argumentos do Aquinate a respeito da existência de Deus, pois Santo Tomás usa nessa temática a teoria metafísica de Aristóteles.

Quando vemos a forma em que Santo Tomás é reportado por Dawkins, parece que este não entende que o Angélico parte de uma Filosofia Clássica, e não Moderna. Ademais, parece não saber ou ignora o modo de ser dessa Filosofia Clássica que tem entre os seus principais expoentes filósofos da estirpe de Tales, Platão e Aristóteles, entre outros. Não entender a Filosofia desses antigos, é não entender também a Filosofia do Angélico.

CONCLUSÃO

O debate acerca da existência de Deus atravessa os séculos e ainda hoje desperta disputas acaloradas nas várias áreas do conhecimento humano, como na antropologia, na psicologia, nas ciências exatas e da natureza, na teologia e na filosofia. Exemplo dessa contemporaneidade do tema é o livro “Deus, um delírio”, de Richard Dawkins.

Biólogo por formação, de renome internacional, Dawkins nem por isso deixa de imiscuir-se sobre as provas da existência de Deus, criticando-as e negando-as em vista do seu ateísmo combatente. Na verdade, a referida obra usa a crítica negativa de Deus como propedêutica do seu objetivo maior, qual seja: fazer uma espécie de apologética inversa, isto é, defender o ateísmo e renegar qualquer valor positivo às religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islamismo), vistas como fontes de superstição, de dogmatismo radical e de manipulação das pessoas.

Em seu intento, Dawkins faz uma apressada análise das provas da existência de Deus elaboradas por alguns dos mais eminentes filósofos do medievo, entre eles, Tomás de Aquino. Sobre este, como foi visto, diz que suas cinco provas não provam nada por serem vazias. O ponto fundamental de sua crítica às provas aduzidas pelo frei Tomás é o de que todas elas envolvem uma regressão infinita, sendo que Deus é invocado para encerrar a série causal.

Ora, como foi dito, não resta dúvida de que santo Tomás de Aquino utilizou o argumento da causalidade, sendo este, inclusive, o seu preferido. Pensando a partir dos princípios da física e da metafísica aristotélica, o Aquinate usou o melhor instrumental teórico-científico disponível em sua época. Nesse sentido, estranha-se que um cientista como Dawkins, cuja leitura e explicação da realidade fundam-se numa visão tecnocientífica e na lógica contemporâneas, desvalorize, em tom pouco científico, a proposta de Tomás de Aquino.

Para nós, falta a Dawkins o conhecimento dos princípios da ontologia e da teodicéia tomista, que, de modo algum, decorrem da utilização de alguma falácia lógica. Todo o pensamento de Tomás de Aquino desenvolve-se observando as regras da lógica dedutiva de cunho aristotélico. Nesses termos, nada há de estranho ou ilógico que um pensador parta da percepção de que as coisas movidas assim o são por outro fator interno ou externo a elas, que

é a causa de seu movimento, e de que, logicamente, esta cadeia não pode ir ao infinito, sendo necessário encontrar-se um termo final, ao qual Aristóteles chamou de ato puro ou motor imóvel e Tomás de Aquino, por sua vez, chamou de Deus. Se esta forma de dedução está equivocada diante dos avanços da lógica contemporânea, resta ainda demonstrar em que ponto ela vacila, coisa que Dawkins não se preocupou em fazer.

Além disso, Dawkins, por desconhecimento ou por má-fé, ao referir-se ao quinto argumento de Tomás de Aquino, que parte do governo das coisas, relaciona-o à teoria do design inteligente. Ora, o argumento aduzido por Tomás de Aquino está baseado na ideia de que todas as coisas agem visando a um fim, ou seja, não agem cegamente ou por acaso, mas com uma intenção. Temos aqui a essência da teoria dos fins ou teleologia, cuja origem, mais uma vez, encontra-se em Aristóteles. Querer buscar num monge medieval a base teórica do argumento do design inteligente, defendida hoje por cristãos neopentecostais, é um erro teórico e um anacronismo histórico.

Enfim, “Deus, um delírio” é um livro apologético do ateísmo. Seu grande defeito, no que tange aos comentários dirigidos as cinco vias ou provas da existência de Tomás de Aquino, é o de Dawkins nunca demonstrar a seriedade e o conhecimento requeridos na refutação das mesmas. No final das contas, com seu estilo hilário, próprio de quem escreve uma obra para a platéia, Dawkins contenta-se em perfilar argumentos contra as religiões monoteístas. Suas críticas a Tomás de Aquino até poderiam ser válidas e reconhecidas como tal, mas, para isso, como bom cientista, deveria tê-las demonstrado. Todavia, não o fez.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; Tradução Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2002. Volume II.

BOEHNER. P; GILSON. E. **História da Filosofia Cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Trad. e nota introdutória de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes. 1995.

CHESTERTON, G. K. **Hereges**. Tradução de Antônio Emilio Angueth de Araújo e Márcia Xavier de Brito, Campinas: Editora Ecclesiae, 2014.

_____. **O que há de errado com o mundo**. Tradução de Luíza de Castro Monteiro Silva Dutra, Campinas: Editora Ecclesiae, 2013.

_____. **Santo Tomás, uma biografia filosófica**. Tradução de Elton Mesquita, Dois Irmãos - RS: Minha Biblioteca Católica, 2020.

DAWKINS, Richard. **Deus, um Delírio**. Tradução de Fernanda Ravagnani, São Paulo: Editora Schwarccz, 2009.

FABRO, Cornelio. **Breve introdução ao Tomismo**. Tradução de Rafael Sampaio, Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2020.

FESER, Edward. **A última superstição**. Tradução de Eduardo Levy, Belo Horizonte: Edições Cristo Rei, 2017.

GARDEIL, H. –D. **Iniciação à filosofia de são Tomás de Aquino**: psicologia, metafísica. 2. Ed. São Paulo: Paulus, 2013.

GILSON, Étienne. **O espírito da filosofia medieval**. Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

LIBERA, Alain de. **A filosofia Medieval**. Tradução de Licólas Campanário e Yvone da Silva, São Paulo: Editora Loyola, 1998.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Aldo Vannucchi *et all*, São Paulo: Edições Loyola, 2009.